

SOBRE CAUSOS CONTO E LENDAS



Este site tem por objetivo registrar em forma literal alguns dos causos contos e lendas que contribuem para a formação da identidade cultural da cidade de Siderópolis e que compõem parte do patrimônio cultural imaterial da cidade, expondo detalhes de nossa cultura, religiosidade, crenças e costumes, além de fatos históricos da cidade.

Na linguagem popular, podemos descrever as lendas como sendo relatos fantasiosos que podem ou não, nascer a partir de acontecimentos históricos e sendo contadas de geração em geração como uma verdade.

Os causos, são histórias que alguém afirma ter vivenciado, podendo ser reais, inventadas ou modificadas de acordo com os interesses de quem conta, afinal como diz o ditado: "quem conta um conto aumenta um ponto".

Já os contos, são pequenas narrativas fantasiosas com início meio e fim, geralmente nascidas da imaginação popular, na maioria das vezes sem personagens reais, contexto ou embasamento histórico.

Todos esses gêneros nos remetem a figura do narrador ou do contador de histórias, que são pessoas que desenvolveram no decorrer do tempo narrativas e oratória que deixavam essas histórias muito mais atraentes. Lembro que quando criança, adorava ouvir essas histórias, lendas fantásticas com fantasmas e acontecimentos paranormais que eram contadas nas reuniões de família. Recordo com carinho que na infância, nos dias chuvosos de inverno, passava horas em volta do fogão a lenha ouvindo histórias contadas por minha nonna, Tereza Marcon De Bona (em memória), muitas dessas histórias mantive na memória e muitas outras, creio, posso ter esquecido e hoje descansam para sempre junto a memória da nonna.

No mundo contemporâneo, cada vez mais as pessoas têm perdido o hábito de contar histórias, sabemos que com o avanço das novas tecnologias, muitas destas histórias que ao longo dos anos foram contadas de geração em geração tem padecido junto com seus narradores e correm o risco de serem esquecidas para sempre, simplesmente por que as pessoas atraídas pela conectividade da internet têm perdido o hábito da conversa.

Em um mundo cada vez mais cético muitas dessas histórias fantásticas podem nos parecer fantasiosas e irrelevantes do ponto de vista racional, no entanto, não nos damos conta que o conteúdo destes relatos traz muito mais que a descrição de uma história, elas nos revelam detalhes preciosos de nossa cultura imaterial e identidade cultural.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (BRASIL, 2014, p. 1).

Se à primeira vista pode parecer estranho que histórias fantásticas a respeito de assombrações como as contadas nas lendas do túnel de Siderópolis por

exemplo, ou outras espalhadas pelo Brasil, possam ter valor reconhecido pela academia, quando analisamos mais a fundo o conteúdo dessas narrativas, podemos identificar traços importantes de uma cultura, sendo possível relacionar o conteúdo destas histórias à identidade cultural de um local ou de um determinado povo, assim como afirma Carvalho Neto Terceiro ([200-], p. 4):

No Brasil, país de maioria católica, as histórias populares vão de encontro com a religião cristã. O povo coloca muito da sua crença nas histórias populares ou lendas e isso foi gradativamente enriquecido pelas culturas que aqui se homogeneizaram como a cultura africana e a indígena.

Nas histórias que surgem em Siderópolis não é diferente: à medida que, juntamos as peças desse misterioso quebra-cabeça, cada informação passa a ganhar um sentido. Assim, é possível observar que as histórias trazem em seu conteúdo muito das práticas e crenças de nosso povo, encaixando-se também no que conhecemos como lendas urbanas.

Segundo Dion (2008), o termo “lendas urbanas” é relativamente novo, tendo se originado entre as décadas de 1970 e 1980 entre folcloristas americanos, para designar anedotas da vida moderna que eram contadas como verdades. Essas lendas geralmente têm sua origem por meio de informações não confirmadas, quase sempre com procedência anônima, consequentemente duvidosa, e que são passadas de geração para geração por meio oral. No entanto longe de serem histórias insignificantes, as lendas urbanas podem trazer em si uma mensagem em seu conteúdo que revela detalhes acerca dos costumes e valores éticos de determinada sociedade.

O fato dos causos contos e lendas serem transmitidas de forma oral traz à tona ainda questões discutidas por Benjamin (1985) em seu famoso texto “O Narrador”, em que o autor alerta para o conteúdo “subliminar” das narrativas, que tendem a serem expostas segundo os valores considerados importantes pelo narrador, as interpretações da forma de narrar sugeridas pelo autor podem perfeitamente se aplicar ao conteúdo das lendas causos e contos que conhecemos.

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si às vezes de formar (sic) latente, uma dimensão utilitária, essa utilidade pode consistir seja num ensinamento, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer forma o narrador é alguém que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1985, p. 200).

Dar conselhos parece mesmo ser um dos principais objetivos dessas histórias urbanas; conselhos esses sempre relacionados à moral ou a conceitos defendidos pelo narrador. Tomemos como exemplo uma velha lenda, muito conhecida entre os católicos: da menina que resolveu ir a um baile na Sexta-feira Santa e que, tendo encontrado um rapaz com quem dançou, ficou horrorizada ao perceber que o moço possuía cascos semelhantes aos de um boi em lugar dos pés.

É possível observar no conteúdo dessa lenda a forte influência das tradições católicas, considerando que a Sexta-feira Santa é um dia sagrado do calendário cristão. Certamente a história é uma forma de reprimir ou desencorajar uma conduta supostamente pecaminosa, expondo as possíveis consequências do ato, já que a mensagem parece um nítido alerta a quem resolve “burlar” as tradições religiosas, correndo assim o risco de se deparar com o que a lenda sugere ser o capeta.

Analisando o contexto envolvido na formação de várias lendas urbanas, é possível observar que o surgimento da maioria dessas histórias está, de alguma forma, relacionado à insegurança que muitas vezes o “algo novo” ou desconhecido causa na população, que busca de alguma forma argumentar esse medo em narrativas que se baseiam em experiências, como forma de afirmação e convencimento.

É nessa linha de interpretação que podemos, por exemplo, aplicar ao surgimento de várias lendas urbanas, até mesmo na internet, como as inúmeras mensagens de alerta que têm se multiplicado em compartilhamentos pelas redes sociais. Lembro-me de algumas crenças que começaram a surgir após a rápida popularização dos aparelhos celulares, no início do Século XXI: postagens eletrônicas alertavam para o possível perigo de explosão ao se deixar aparelhos celulares próximos de geladeiras ou fornos micro-ondas, ou de falar ao celular estando ele conectado ao carregador; o fato teria, segundo os relatos, causado acidentes com várias pessoas. Assim como em várias outras, essas lendas parecem expressar muito mais um medo popular do que uma informação embasada em confirmações técnicas.

Mais recentemente, acompanhamos, em Criciúma, cidade vizinha a Siderópolis, a chegada de um grande número de imigrantes, dentre eles ganeses e haitianos, em um contexto que se assemelha, de certa forma, e dada as devidas proporções, ao vivido em Siderópolis, com a chegada de operários vindos de outros estados, para trabalhar na construção da ferrovia e do túnel, a partir de 1943. É

possível, nos dois casos, atribuir à insegurança da população local, que com certa resistência ao novo e de certa forma desconhecido, tem criado lendas que justifiquem ou legitimem de alguma forma esse medo, como não sendo um medo “bobo” e sem fundamento. No caso do túnel, com as lendas que surgiram de que esses funcionários eram bandidos e fugitivos violentos vindos de outros estados e que posteriormente deram origem a crença de que o túnel seja mal assombrado, e no caso mais recente dos imigrantes ganeses e haitianos, histórias infundadas começaram a rodar pela cidade e região, afirmando que esses grupos de pessoas estariam se alimentando com carne de cachorro, tendo inclusive, segundo relatos, praticamente acabado com a população de cães abandonados de um bairro onde moravam. Informações desencontradas davam conta de que uma matéria teria saído no jornal afirmando a prática, ou que vários ossos de animais teriam sido encontrados no quintal de uma casa de imigrantes. O fato certamente incomodou e gerou o descontentamento de muita gente desinformada, e pior, possivelmente pode ter contribuído para o aumento do nível de rejeição desse grupo de imigrantes frente à população local. Mais uma vez, os fatos revelam a influência que as lendas podem exercer nos conceitos de uma sociedade, algumas vezes zelando pelos costumes morais, por outras alimentando preconceitos infundados, que podem inclusive contribuir para a segregação étnica.

Embora a interpretação dessas lendas não seja algo fácil, por conter em suas narrativas muito do íntimo desconhecido de cada pessoa, seu conteúdo, mesmo que aparentemente duvidoso, sempre traz informações que podem auxiliar no estudo das relações humanas, sociais e culturais, como, por exemplo, a interpretação dos medos, práticas, crenças e religiosidades, que revelam muito dos traços, tradições e do cotidiano de cada sociedade e que, muitas vezes, não são relatadas ou registradas de forma tão direta, mas se manifestam em práticas que precisam ser identificadas, decifradas e também preservadas.

Assim como no caso dos bens culturais materiais, para os quais se tornam necessárias medidas de preservação, mantendo-se atenção ao perigo de que esses sucumbam ao descaso e deixem de existir materialmente, também precisamos, a partir da valorização de nossa cultura, preservar nossos bens imateriais, a fim de garantir o registro e sobrevivência de nossos costumes para as futuras gerações. Lemos (1981, p. 29) afirma que registrar é sinônimo de preservar: “Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto uma construção, um miolo histórico de uma

grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas”.

O relato de lendas fantásticas por meio de narrativas tem, como alerta Benjamin (1985), se perdido e, conseqüentemente, corremos o risco de perder muitas dessas histórias, com o problema crônico que tem se apresentado nas sociedades modernas, em que as pessoas já não têm paciência para ouvir histórias. Pior, corremos o risco de perder um elo de nossa identidade cultural, capaz de contribuir para a compreensão de nossas relações sociais.

Por: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CARVALHO NETO TERCEIRO, Valdemar Ferreira de. O poder do imaginário popular. [200-]. No prelo. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/valdemar_ferreira.pdf>.

DION, Sylvie. A Lenda Urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. Boitatá, Londrina, v. 01, n. 6, p.1-13, dez. 2008. Disponível em:
<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/lenda urbana Sylvie Dion ok.pdf>>.

LE MOS, Carlos A.C. O que é patrimônio histórico. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.